
QUE É GEOGRAFIA

Dr^a Livia de Oliveira
Prof^a Titular Aposentada
IGCE, UNESP, Rio Claro

RESUMO: *Este artigo apresenta algumas reflexões epistemológicas sobre a ciência geográfica, destacando o papel do geógrafo como agente transformador da realidade.*

Palavras chaves: Geografia, espaço, epistemologia

ABSTRACT: *The aim of this article is to contribute for better understanding geography, detaching the geographer's work.*

Key words: geography, space, epistemology

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tanto quanto pergunta como quanto resposta, a questão poderia ser: "O que é Geografia" e não "Que é Geografia". A diferença à primeira vista parece sutil, apenas o acréscimo do artigo. Porém, epistemologicamente, mudaria e muito. Esta questão está ligada diretamente a um dos problemas básicos do conhecimento científico, mais especificamente à problemática da essência das coisas, dos objetos. Pois, quanto ao conhecimento, sabe-se que há objetos reais e ideais, e não se pode atingir a certeza do conhecimento de sua essência última. Com efeito, só se pode saber **que** as coisas são, mas não o **que** as coisas são em si.

Assim, para Kant, diante do mundo se colocam três preposições: a coisa em si é incognoscível; o conhecimento permanece limitado ao mundo fenomênico, e o mundo surge em nossa consciência porque ordenamos e elaboramos o material sensível, em relação às formas a priori da intuição e da razão. Pode-se afirmar sobre o conhecimento da **existência** dos objetos mais do que sobre o conhecimento da

essência dos mesmos, ou seja, é possível afirmar sobre as propriedades, funções, estruturas, organizações dos objetos, das coisas. Mas, deve-se contentar em afirmar sobre a existência, mais do que sobre a essência? A resposta a esta relevante questão está na dependência da concepção que se tenha da essência, isto é, de acordo com a concepção adotada. Por exemplo, pode-se aceitar a aristotélica, de que os objetos do conhecimento estão já prontos, são determinados e reproduzidos pela consciência cognoscente refletida pela ordem objetiva; em outras palavras, se o conhecimento for considerado uma função receptiva e passiva, representado como reprodução do objeto; seria como uma **duplicação** da realidade. Ou, por outro lado, aceitar a kantiana, de que não há objetos do conhecimento feitos, mas sim produzidos pela consciência, criada pela ordem e considerada como função ativa e produtiva. Mas pode-se afirmar, entretanto, que apenas estas duas concepções apresentadas, não se representam uma solução simples e absolutamente certa, escapando à possibilidade de resolver, de modo definitivo o problema da relação entre sujeito e objeto. Daí que a teoria do conhecimento, quanto

à essência, resulta, pois, completamente absorvida pela metafísica, fugindo a uma solução racional ou empírica, muitas vezes conduzindo a um interminável e inócuo jogo de acertos e erros.

Além disso, talvez o mais difícil seja definir e comprovar o que é o saber, que é o conhecimento e como e quanto é permitido utilizá-lo, aplicá-lo, depois de produzido. Este conhecimento inicial deve ser seguido por um segundo que implica sabedoria. A aplicação ou a utilização deve vir intimamente ligada às conseqüências, isto é, aos valores atribuídos. Deve-se passar da transcendência a uma imanência verdadeira, mediante uma concepção humanista da sociedade e da natureza. Pois as sociedades contemporâneas vêm entrando em uma civilização em que uma nova ética transformatória surge e permeia todos os significados, vestindo-se de roupagens coloridas, diferentes, talvez mesmo camufladas, privilegiando certas ações, nas quais a vida e as causas mudam e passam rapidamente, com esta revolução da informação que se assiste a todo momento.

SOBRE ESPAÇO

A colocação epistemológica **o que é** Geografia implica o tempo do verbo, que poderia ser **o que foi**, ou melhor ainda, **o que será**. Tecer considerações sobre o que foi a Geografia, através do tempo cronológico, talvez seria mais adequado em uma abordagem histórica. Seria discorrer sobre o pensamento geográfico perpassando a antigüidade clássica, medieval, moderna até a contemporânea. Seria analisar as diversas escolas geográficas, iniciando com a alemã, a francesa, a anglo-saxônica (inglesas e americanas). Ou, mais ainda, fazer um levantamento da contribuição de todos

aqueles que se destacaram no panorama científico, metodológico, epistemológico e mesmo educacional, em relação à Geografia. Foram tantos os pesquisadores, viajantes, professores, teóricos que alargaram o horizonte geográfico, que propuseram novas técnicas, métodos e modelos, que organizaram congressos e encontros, que fundaram escolas, departamentos, institutos de ensino e pesquisa, que escreveram tratados, livros, artigos, que publicaram trabalhos inéditos ou reproduções para comprovar e comparar com outros resultados obtidos em diferentes lugares ou momentos.

O pensamento contemporâneo geográfico vem assistindo e participando das revoluções tecno-científicas e de informática e principalmente adotando como método de investigação a interdisciplinaridade científica. A nomenclatura geográfica tem incorporado ao seu corpo de conhecimento novas visões de homem e de mundo. Tem se beneficiado e muito das imagens de satélites, das técnicas matemáticas e estatísticas, de programas de computação e trocado idéias com as demais disciplinas científicas. Talvez, o mais importante é ter se engajado na busca de saídas satisfatórias para a questão do meio ambiente, do social e do demográfico.

As dissertações de mestrado e as teses de doutorado, as mesas redondas em encontros, especialmente locais e regionais, estão voltadas e preocupadas com o espaço geográfico. Porém com os aspectos do cotidiano, do ensino, da realidade mais próxima. De tal modo que a Geografia se abriu para o mundo, para dar e para receber, e possivelmente para se integrar, trabalhando e estudando em conjunto, deixando o isolamento no qual se colocou, durante décadas, ao pensar que era uma disciplina de

síntese. Hoje, não resta dúvida que, ao se integrar, sabe que é uma disciplina de análise, como todas as demais, e se conduz mediante as preocupações com as interações espaciais, com os processos, os fluxos, as representações, as percepções.

Diante do exposto, convém lembrar que epistemologicamente a Geografia lida com o espaço. Espaço este que é de natureza ontológica, enquanto objeto e uma categoria independente e contínua, sendo pensado em termos de espaço/tempo. Também é de natureza epistemológica, como um conteúdo, possuindo propriedades próprias, com relações e dimensões específicas. Igualmente, é de natureza psicológica e lógica. No primeiro caso o espaço é uma construção, um processo, com participação efetiva do sujeito. E no segundo o espaço é uma relação, sendo um sistema tanto de referências, quanto sócio-cultural.

Os tipos de espaço podem ser assim trabalhados: o matemático é representado, mensurado mediante as diversas geometrias, mas sempre concebido como **ideal**, ideado; o físico é representado, objetivo, constituído por objetos, concebido como processo espaço/tempo, como **real**, na realidade; o espaço psicológico é construído, sendo tanto individual como coletivo, com objetos com significados atribuídos pelo sujeito, concebido como **símbolo**, sempre simbólico; o social se apresenta como dependência e liberdade, como refúgio ou aventura, sempre como condição de **sobrevivência** e de **poder**, sendo espaço vital, porém não é isomórfico ao espaço físico; já o geográfico, não é apenas euclidiano, mas também e primeiramente topológico, confundindo-se com a superfície da terra, sendo o **território** e a **cultura** de povos e nações, podendo-se identificar como pátria.

O espaço compreende dois elementos: teórico e prático, que se apresentam de maneira indissolúvel, como elementos de uma mesma moeda. O elemento teórico diz respeito à **conceituação** do espaço. O espaço como um conceito se revela como substância, isto é, um ser independente, com propriedades, estados e alterações, ou então, como relação entre os objetos, ou, ainda como representação das relações. Por outro lado, o elemento prático diz respeito à **vivência** do espaço. O espaço vivido é importante para a sobrevivência, relacionamento, para executar as atividades, a movimentação, a organização, e até para a apreciação cultural.

Não se pode esquecer que o desenvolvimento da noção de espaço está submetido ao fator idade, variando desde crianças, adolescentes, adultos, até os mais velhos; às culturas, variando entre as sociedades pré-industriais e as industriais, e às classes sociais, variando entre a riqueza e a pobreza. Ademais, o espaço pode ser pensado como absoluto, uma coisa em si mesma, como existência independente da matéria; como relativo, como relação entre os objetos, dependendo da matéria; ou, então, como relacional, como estando contido em objetos, pois um objeto existe na medida em que contém e representa dentro de si as relações com outros objetos. Assim pode-se resumir: o espaço não é nem absoluto, nem relativo ou relacional em si mesmo, mas pode se transformar em um ou em outro, dependendo das circunstâncias. Pode-se dizer que o problema do espaço é resolvido através da prática, da vivência em relação ao mesmo.

Entretanto, como a noção de espaço, psicologicamente, é uma construção, um processo, se desenvolve em vários planos:

perceptivo, cognitivo e representativo. Mas, sempre solidário com e inerente a todo desenvolvimento: mental, sensório-motor, afetivo, social e cultural. Piaget reconhece uma atividade perceptiva entre a percepção e a inteligência; é uma interação funcional entre a percepção e a inteligência e geneticamente o espaço é simultaneamente físico, matemático, isto é, depende tanto do objeto como do sujeito.

O espaço perceptivo é prático e vivenciado, particularmente sensório-motor, ligado à locomoção e intuição; percebe-se o espaço em suas dimensões física, social, geográfica. Enquanto o espaço cognitivo é operatório, lógico e hipotético, conduzindo à generalização e à inteligência, sendo, portanto, inteligível — concebe-se o espaço em suas propriedades e seus processos, o espaço representativo trata do mapeamento e da mensuração, ligado à imagem mental, sendo simbólico e geométrico — representa-se o espaço como construção e reconstrução, mental e graficamente.

Ao se discorrer sobre as relações espaciais não se deve deixar de mencionar as três principais dimensões do espaço: ponto, linha, área e volume, não esquecendo a quarta dimensão: o tempo. Considera-se, também, as relações matemáticas e físicas (topológicas, projetivas e euclidianas).

Quais são as relações de espaço com a Geografia? Inicialmente é com a geometria, enquanto linguagem espacial e a escolha dentre as várias geometrias. Aceita-se, plenamente, que o espaço é um conceito básico em Geografia, quer como absoluto (coordenadas geográficas, métrica, euclidiano ou projetivo), quer relativo (localização relativa ou distância relativa), quer euclidiano (em que a reta é a distância mais

curta entre dois pontos) ou, então, riemanniano (em que a curva é a distância mais curta entre dois pontos) quer como relacional imbricado na prática social e humana, cuja forma e processo integram o homem em seu meio ambiente. Por outro lado, a representação do espaço utiliza os mapeamentos mediante as diversas geometrias e todos sabem que o mapa é um instrumento geográfico básico. Afinal, tudo leva a uma reflexão espacial epistemológica, considerando-a como um pensar espacial cotidiano, em um espaço vívido.

SOBRE GEOGRAFIA

O conhecimento geográfico espontâneo surgiu em atendimento às necessidades básicas, como orientação para localizar a aldeia, o campo de caça e de pesca, para movimentação, para levantamento de recursos naturais, ou, então, como orientação em relação ao vento, chuvas, rios, a outras tribos, à marcha aparente do sol. Em atendimento aos mapeamentos e tradições, os mapas surgiram antes da escrita, traduzindo os registros de lugares e de outros grupos humanos ou de animais. As viagens decorreram de anseios de aventura e de precisão, e nelas foram cruzados lagos, mares e oceanos, percorridos rios e montanhas e penetrados continentes e ilhas, sempre perpetuadas com descrições orais e registros em pedras, papíros, folhas ou troncos.

Até os gregos terem inventado a filosofia, a democracia e a política, de criarem um espaço público, dessacralizado, que permitia um debate público e contraditório, no geral o poder prevalecia com a melhor opinião, a mais convincente. A partir daí, porém, desponta um conhecimento geográfico e reflexivo, com a reflexão filosófica sobre a concepção da forma da Terra como a esfera, a forma perfeita; sobre

a concepção de Homem, como ser racional, humano, inteligente e histórico; e sobre a concepção do Universo, em termos de infinito e imensurável. Das preocupações com a mensuração e a geometria: forma e tamanho do planeta, as medições (latitude e longitude), as representações gráficas (mapas), nasceram as filhas gêmeas da matemática: a geometria e a geografia. Os gregos empreenderam viagens e descobertas, contataram novos povos, línguas e costumes, levaram e trouxeram novas técnicas e novos costumes, como resultado da diáspora, por toda a bacia mediterrânea até os confins da Ásia, às margens do rio Indus. Durante os séculos greco-romanos se sucedem grandes nomes preocupados com a Terra, aparecendo mesmo a palavra GEOGRAFIA, que perdura até os dias atuais.

A Geografia se firma como uma disciplina científica, desfrutando um lugar entre as disciplinas ditas reais, empíricas, sociais e preocupada com uma visão horizontal mais do que vertical, isto é, analisando a realidade de uma maneira integrada, de conjunto, constituindo-se em um conhecimento não meramente descritivo ou classificatório, mas muito mais explicativo, analítico e predizível. Porquanto, o problema da ciência, incluindo a Geografia, é muito mais epistemológico do que lógico; está muito mais relacionado com o próprio conhecimento e com a metodologia de trabalho. A ciência, enquanto atividade humana, se preocupa com o mundo natural e social, procura a realidade total, busca uma unidade de linguagem, pois a realidade só é múltipla para os processos de investigação. O que se observa é que, à medida que os cientistas alargaram seus conhecimentos, se afastaram da concepção unitária do real; quanto maior especialização, maior diferenciação de linguagem, com uma nomenclatura cada vez mais particular.

O que se constata, atualmente, é a unidade dos problemas, nestes momentos históricos em que se defronta, no dia-a-dia, com a repetição e sucessão de muitos problemas; é o reconhecimento e a aceitação das raízes sociais e da função social da ciência. Estas considerações podem, perfeitamente, ser aplicadas aos estudos geográficos.

A investigação geográfica lança mão do modelo das ciências naturais quando desenvolve a observação dos fatos, procede as inferências dedutivas e indutivas, adota um conhecimento científico enquanto especulação controlada. Utiliza-se, também, do modelo das ciências sociais, quando assume caráter nomotético e não apenas idiográfico, reconhecendo um conhecimento científico, enquanto uma tarefa criativa. Qual seria o modelo geográfico? Assumindo que se partisse da observação geográfica para se atingir a análise e explicação dos fatos, procurando formular teorias em Geografia, ou aplicáveis a outras disciplinas, trabalhando com visões sistêmicas e temporais, atingiria-se a própria natureza espacial, o cerne do saber de nosso próprio conhecimento.

Ao passo que, a demonstração geográfica buscaria em sua estrutura teórica: a diferenciação areolar, a interação ambiental, a distribuição espacial, a análise geométrica e computacional e a análise da paisagem. Formularia hipóteses e leis, procurando a universalidade dos enunciados, que por sua vez conteriam uma necessidade lógica e explicatória. Proporia modelos de construção e de aplicação com características geográficas. Emitiria uma linguagem formal e espacial, através de conceitos geográficos de espaço e conseqüente representação do espaço físico, social, vívido, cotidiano, significativo. Enunciaria em linguagem probabilística, através de cálculo de

probabilidade, chegando a uma análise espacial.

Porém, ao se preocupar com o conhecimento científico da Geografia, não se pode menosprezar o conhecimento didático da Geografia. É tão relevante a preocupação científica quanto a pedagógica. Em geral, grandes cientistas, após galgarem altos escalões da ciência e da tecnologia, voltam-se para a didática, para como ensinar, escrevem livros escolares infantis, com o intuito de propiciar a iniciação científica em suas áreas. Entre nós, no Brasil, ainda, não se assiste a edições ou editoras preocupadas com a Geografia Infantil. Não se quer aludir, aqui, a livros para crianças ou adolescentes com temas geográficos, principalmente sobre viagens, muitas vezes fantásticas e com paisagens distorcidas ou esterotipadas, menos, ainda, a obras pseudo-literárias, que douram as personagens e os cenários, com cores falsas e palavras enganosas. No momento, o que se deseja é chamar a atenção para geógrafos, professores de Geografia, e editores para o público infantil que, naturalmente, sente necessidade em conhecer de maneira correta e atual a sua pátria, suas gentes, seus usos e costumes, e também de outras plagas e nações; sente necessidade, ainda mais, de compreender as interações entre as pessoas e os seus meios ambientes, como preservar, como conservar e mais do que tudo como amar o planeta. É indispensável utilizar a mídia para esclarecer sobre a vergonhosa desigualdade social, sobre os bolsões de pobreza e sobre os mecanismos de rompimento dos ciclos viciosos explicativos e simplistas com puras causas e efeitos.

O que se espera, ou melhor, se deseja são pequenos grandes livrinhos escritos por quem entende de Geografia, que gosta da Geografia e se interessa pela formação educacional das

crianças. Que sejam escritos tanto com conhecimento geográfico, quanto conhecimento didático. Que descortinem para as novas futuras gerações possibilidades geográficas e ecológicas reais e não simplesmente virtuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indagação inicial, possivelmente, não foi conclusiva. Isso porque perguntas deste tipo, na realidade, não são respondidas, nem esperadas, mas sim discutidas e refletidas. São muito mais levantamentos de idéias a serem trocadas em mesas-redondas ou colocadas em colóquios. Espera-se com estas considerações contribuir para discussões, principalmente em salas de aula de Geografia.

À guisa de conclusão, pode-se terminar com palavras ou proposições para que sejam sempre lembradas. O conhecimento científico geográfico vem assistindo a um desenvolvimento crescente. Cada vez mais o geógrafo vem sendo solicitado a participar em planejamentos, em pesquisas interdisciplinares, em órgãos públicos e especialmente em ONGS. O geógrafo tem sido convidado a integrar equipes sobre meio ambiente, turismo, planejamento (regional, urbano e habitacional). Como hoje em dia a sociedade cada vez mais busca a harmonia entre homem, natureza e tecnologia, o geógrafo tem instrumentos e conhecimentos para auxiliar na resolução dessa equação. Equação essa, que será tentada a ser formulada e resolvida nas próximas décadas, ou quiçá séculos.

Por outro lado, o conhecimento vulgar, geográfico, do senso comum, também não deve ser esquecido, principalmente quando a resposta está sendo procurada localmente. As soluções encontradas por pessoas simples, com pouca instrução, muitas vezes são as mais adequadas

para as suas necessidades. Isso diz respeito, particularmente, ao planejamento urbano ou rural. Como decidir sobre as construções de moradias, localizações de supermercados, igrejas, escolas, áreas de lazer sem consultar o usuário? Em geral, não se leva em conta como as pessoas percebem os seus arredores; que sentimentos e significados são atribuídos aos símbolos e marcos de sua localidade e quais atitudes devem ser avaliadas quando os poderes públicos ou empresariais decidem por esta e não por aquela localização, ou distribuição ou mesma decisão, não respeitando os desejos e as vontades da população, ou não acatando as preferências por cores ou não dando atenção na escolha dos bairros e dos vizinhos.

Por fim, deve-se ter em mente o conhecimento didático geográfico, tão importante quanto necessário, para fundamentar um ensino/aprendizagem da Geografia. Não se pode decurar a educação geográfica, tanto de mestres, como alunos e mesmo de diretores e coordenadores/supervisores que trabalham diretamente com as escolas e com a administração escolar pública e particular. Entende-se por conhecimento geográfico didático propiciar condições aos professores de atualizarem-se através de informações atuais, técnicas novas, estratégias adequadas e principalmente orientar a ação didática no que diz respeito aos melhores e justos meios de avaliação. Usar os mapas e os atlas, dando oportunidade aos alunos de procederem à leitura e ao manuseio desses instrumentos básicos da Geografia. Favorecer o acesso de alunos e professores ao computador, com programas adrede preparados.

E tudo o mais que seja possível de novo e de antigo, que possa contribuir para uma melhor compreensão da situação de violência, pobreza

e surpresa, com a qual o país, e mesmo o planeta, está se defrontando. Situação que exige novos dimensionamentos, novos esclarecimentos e novos sentimentos.

Que é Geografia? É uma disciplina científica que trabalha com o espaço, em termos relativos e relacionais, de um ponto de vista horizontal, ambiental e social. Geografia é aquilo que os geógrafos a fazem, e tornam necessária e relevante. Geografia é aquilo que os geógrafos querem ou desejam.

— O que me aconselha a visitar? perguntou ele.

— O planeta Terra, respondeu-lhe o geógrafo.

Goza de grande reputação...

E o príncipezinho se foi, pensando na flor.

"O Pequeno Príncipe", p. 58.

BIBLIOGRAFIA

DEL RIO, Vicente e Oliveira, Livia. *Percepção Ambiental, a experiência brasileira*. São Paulo: Sudio Nobel, 1999.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HESSEN, J. *Teoría del Conocimiento*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1956.

OLIVEIRA, Livia. *Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa*. Tese de Livre-Docência, IGCE, UNESP, Rio Claro, 1977.

PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.